

A SOMA DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO CURSO DE EXTENSÃO

MÁRCIA DOS SANTOS SOARES DA ROCHA¹; ELTON VERGARA-NUNES ²;
ALINE COELHO DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – marciasantossoares@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – vergaranunes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – silva.aline.coelho@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este texto tem como objetivo, apresentar o trabalho desenvolvido no projeto de extensão do “Curso de Línguas”, que por vinte anos, oferece cursos de idiomas à comunidade em geral. Atualmente, são oferecidos cursos de Alemão, Espanhol, Francês e Inglês, a câmara de extensão é coordenada pela Profa. Aline Coelho da Silva. Aplicou-se no ensino de Língua espanhola (LE) atividades relacionadas ao projeto de pesquisa “Aplicação da audiodescrição com fins didáticos no ensino regular”, que está vinculado ao projeto “*Tecnologias aplicadas à Educação*”, coordenado pelo professor Elton Vergara Nunes, que busca desenvolver materiais acessíveis para alunos cegos, com ferramentas específicas para o processo de aprendizagem, como a audiodescrição didática, que descreve sonoramente imagens contidas nos livros didáticos, com o propósito de ensinar conteúdos a alunos cegos.

Pensando em tornar nosso espaço inclusivo, especificamente na ação do Espanhol Básico III do projeto Curso de Línguas, aliou-se o projeto de pesquisa ao projeto de extensão. Foram feitas atividades que integraram conteúdos de ensino de LE (referências espaciais, gênero descritivo, uso de adjetivos, substantivos entre outros) com atividades que artificialmente colocaram os alunos à condição de cegueira, potencializando, assim, os conteúdos de LE trabalhados e sensibilizando o grupo para as necessidades específicas de pessoas cegas e seus acompanhantes.

2. DESENVOLVIMENTO

Essas atividades foram desenvolvidas com um grupo de oito alunos, de diferentes idades. As aulas, sempre ministradas em espanhol, tiveram, além de aspectos linguísticos, culturais e comunicativos de LE, a conexão com dificuldades e obstáculos enfrentados por alunos cegos, através de relatos, simulações e atividades diversas.

Foram reforçados os conteúdos de língua espanhola de localização espacial (*aquí, allá, derecha, izquierda*) que, com a vedação dos olhos, proporcionou uma necessidade e contexto real de uso da língua, já que um colega deveria guiar o outro ao se locomover. Na execução das tarefas, os alunos que não têm nenhuma deficiência sensorial tiveram seus olhos vendados e foram guiados por outros colegas, que lhes indicavam por onde caminhar na sala de aula e corredores do prédio Sallis Goulart, onde ocorriam as aulas. Tais atividades proporcionaram motivação e integração do grupo.

Os alunos desenvolveram atividades para aprendizagem do espanhol e, nesse processo, conheceram audiodescrição didática. Durante as aulas, foram feitas tarefas que buscavam não somente o ensino da língua, mas também atividades que colocassem os alunos em situações reais enfrentadas por alunos cegos, como por exemplo, conhecer o espaço onde estavam situados, dar orientações utilizando *los conceptos de ubicación* em espanhol. O grupo foi dividido em duplas, e, invertendo os papéis, tiveram que ser, primeiro, a pessoa cega e, depois, a pessoa que guiava o cego pelo espaço da sala de aula, tentando fazer com que o colega vendado desviasse dos obstáculos e fosse conduzido com segurança até o destino final. Outra atividade muito interessante, e que serviu para a prática da escrita em espanhol, foi fazer a audiodescrição de uma dançarina de tango. Essa imagem está no livro *Gente Hoy 2*¹, utilizado para as aulas, e foi umas das tarefas na qual os alunos reconheceram o quanto é importante o auxílio da audiodescrição didática. Essa ferramenta proporciona autonomia para os alunos cegos, porque, com ela, podem ter as mesmas oportunidades de aprendizagem que seus colegas, sempre que os conteúdos forem trabalhados com imagens.

3.RESULTADOS

A integração entre ensino, pesquisa e extensão expandiu minha visão acadêmica e pude vislumbrar o real papel da Universidade junto à comunidade. Essa experiência na extensão proporcionou-me aprendizagem não somente em língua espanhola, como em seu ensino e, sem dúvida, na contribuição de ações inclusivas em qualquer ambiente. Nossa comunidade local terá seu papel cidadão reforçado nesse processo de inclusão. A recepção dos participantes a tal proposta foi muito positiva, pois a viram em uma perspectiva de sensibilidade e carinho e puderam aprender, além da LE, a inclusão, sentindo-se responsáveis e atuantes nesse processo. Ao pensar-se inclusão, a prática é o grande veículo, pois, como aponta Vergara-Nunes (2016), não é a deficiência que prejudica a aprendizagem de alunos cegos, mas a falta de materiais acessíveis disponíveis para eles. Por isso, propostas como a audiodescrição didática vêm auxiliar, tornando-se uma ferramenta de acessibilidade pedagógica. Levá-la a alunos sem condição de cegueira ampliou nosso campo de ação e possibilidades de atuação.

O grupo também pode refletir sobre o uso das tecnologias assistivas, que auxiliam pessoas com deficiência, e relatou a importância de aprender e de falar *sobre* inclusão *dentro* da inclusão, como agentes dessa ação. Muitos dos integrantes são também estudantes da UFPEL e se depararam com seu despreparo para lidar com pessoas com algum tipo de deficiência, nas mais diversas áreas em que atuarão profissionalmente.

4. AVALIAÇÃO

Nesta ação do Curso de Línguas pude, além de relacionar os aspectos de Linguística Aplicada, Cultura e Literaturas de LE, vistos em meu curso de graduação, aprender com os meus alunos, que se abriram ao aprendizado de LE e à proposta inclusiva. Aprendi muito, pois precisei, a cada aula, estudar mais,

¹ <http://www.emartinsfontes.com.br/gente-hoy-2-libro-del-alumno-cd-p24084/>

preparar-me para as perguntas que sempre vinham recheadas de dúvidas. Estou certa que não poderia graduar-me sem me tornar extensionista, pois esse espaço congrega a missão universitária junto à comunidade em uma interrelação de saberes.

Como aponta Leffa (1998), cabe ao professor, partindo de suas experiências, das características de seus alunos e das condições existentes, tomar a decisão final fazendo com que ele comece onde os outros pararam sem a necessidade de reinventar a roda ou repetir os erros. Dessa forma, é necessário conhecer as particularidades de nossa comunidade e sua potencialidade. O ensino de LE voltado à comunidade local abrange as diferentes linguagens necessárias à comunicação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

VERGARA-NUNES, Elton. **Audiodescrição didática**. 2016. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Zehetmeyr, Tania Regina de Oliveira. **O uso da audiodescrição como Tecnologia Educacional para alunos com Deficiência Visual. Dissertação (Mestrado)** – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós - Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação, 2016.

ZEHEITMEYR, Tania R. O. *et al.* **Introdução à audiodescrição didática**. Expressa Extensão. Pelotas, v.20, n.2, p. 178-193, 2015.